

**o pulso**

**ainda pulsa**

**corpo educação arte  
experiência corpo  
ainda que aprisionado  
fadado fechado podado  
censurado catalogado  
dominado quarentenado  
ainda pulsa  
educação cérebro-corção  
bombeia doses de sangue  
que causam encontro fuga  
abertura fechamento  
prazer angústia  
reforma, transforma e  
transborda**

Os pensamentos a seguir se desenvolveram com base em dois conceitos - "cartografia" e "educação menor" - trazidos por Juliano Pereira em sua dissertação de Mestrado, intitulada "IMPLICAÇÕES ENTRE TEATRO E EDUCAÇÃO NA CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO TEATRAL "FADO". Isso vinculado aos processos artístico-pedagógicos observados e experienciados por mim nas oficinas de teatro, musicalização e de dança na comunidade São Miguel do Cajuru (São João del-Rei/MG), sobretudo sob o ponto de vista do corpo em tempos de pandemia.

### **sobre educação menor:**

Em seu livro, "Deleuze e a educação", Silvio Gallo desloca para a educação os conceitos de literatura menor apresentados por Deleuze e Guattari em "Kafka por uma literatura menor". Quando trata do deslocamento da educação menor, são quatro os deslocamentos, fala de um novo professor, não mais o profeta que revela o futuro para seus alunos, mas o militante que se preocupa diretamente com o dia a dia de seus alunos e nessa relação cotidiana, aí sim, cria possibilidades do novo, de futuro. Então, não mais aquele que diz o que deve ser feito, que tem saídas e soluções, mas um "que, de seu próprio deserto, de seu próprio terceiro mundo, opera ações de transformação, por mínimas que sejam" (GALLO, 2013, p. 59-60). A miséria que Gallo nos fala, não está ligada necessariamente às condições econômicas dos alunos, mas miséria social, cultural, ética... Desta maneira, ainda segundo GALLO (2013) operando de dentro desses terceiros mundos, esse professor deve militar pelas superações desses alunos, ou pelo menos, pela produção de "possibilidades de superação", pela liberdade, ou, de novo, pela produção de "possibilidades de libertação" numa luta que se dá por diversos ângulos, em diversos níveis, produzindo "conexões e conexões, sempre novas", e age "nas microrrelações cotidianas, construindo um mundo dentro do mundo, cavando trincheiras de desejo" (GALLO, 2013, p. 65).

(PEREIRA, p. 54)

### **sobre cartografia**

A cartografia atribui a preeminência ao processo inventivo nômade, inserido numa absoluta em que os referenciais não são palavras de ordem, contudo, travessias, encontros, perdição: um pensamento, pois que ganha ao ser engendrado. Em síntese, fazer uma cartografia não significa repetir ou copiar, mas, evidenciar modos para gerar novos processos, nossos próprios conceitos, uma filosofia grávida de múltiplos olhares e travessias outras. No fundo, a cartografia é a arte da busca, mas buscar, pesquisar é um procedimento não da ordem da imitação, nem de calco, porém de imaginação, da intuição, da polifonia da luz, da manifestação de um novo pensamento em diapasão com a diferença, e que acolhe a diferença como um saber alheio a reconhecimento: como uma estética/acontecimento. Acrescente-se, ainda, o rigor, o trabalho contínuo, o amor e a prática às artes e ao novo.

(LINS apud PEREIRA, 2012, p. 21).

Durante o ano de 2021, conduzindo oficinas de teatro e dança para crianças e mulheres na comunidade São Miguel do Cajuru (São João del-Rei), a partir da relação entre **corpo, movimento e cooperatividade**, objetivei motivar um **estado de consciência corporal e de estar viva no cotidiano nos corpos das envolvidas**. De modo que isso configurasse ou pudesse criar **novas cartografias do (no) corpo e no espaço convival**.

“

**ser capaz de compor agenciamentos e sustentar territórios, habitando-os; ser capaz de se desterritorializar quando necessário, compondo outros territórios.**

”

(MAGELA, 2017, p. 68)

Neste momento, ao burilar questionamentos e observações das oficinas e ao entrelaçá-las com os conceitos trazidos pelo Juliano Pereira, percebo alguns pontos em comum que merecem serem explanados, examinados e compartilhados. Nas aulas, por meio de exercícios coreográficos, jogos teatrais e dramáticos, pude observar e experienciar criação de múltiplas linguagens e de grafias do corpo no espaço (ou melhor, modos de desenhar o corpo no mundo) e na relação entre as alunas. Principalmente, topograficamente falando (exercícios que permitem observar os desenhos e os agenciamentos corporais em composição ao espaço, a arquitetura da quadra e, também, da cidade em situação em que saímos à deriva pela comunidade. Pequenos movimentos, deslocamentos mínimos que podem servir de análise do processo de aprendizagem cognitiva-sensório-motora-artística.

## **um contexto**

Após o chamado Big Bang digital, no século XXI, sobretudo no período de isolamento social devido à crise sanitária da COVID-19 (2020), a câmera invadiu as nossas casas de maneira desenfreada. Tanto na vida social quanto na Educação como ferramenta de ensino aprendizagem.

O pequeno quadrado da câmera transmitida nas plataformas de encontros virtuais, como *ZOOM* e *Meet*, pode servir de alegoria à maneira como temos configurado o nosso corpo: compactado para caber nesse enquadramento. Um pouco antes de eclodir a crise sanitária do coronavírus, na disseminação de vídeos e fotografias (sobretudo *selfies*) nas principais redes sociais, já podíamos notar esse formato de tela que nos obriga a colocar o corpo nas proporções 16:9 (e vice-versa) e 1:1.

Com essa alegoria, que é intensificada de forma descomunalmente durante transmissões ao vivo, aulas remotas, videoaulas, em que precisamos nos fazer caber dentro dessas proporções, podemos concluir que o nosso corpo fica paulatinamente mais delimitado, demarcado e restrito de movimento.

Para sair do formato do corpo 9x16 precisava ser trabalhado saídas de si e composição de novos territórios, novas couraças corporais

“

**O corpo é uma multidão excitada, uma espécie de caixa de fundo falso que nunca mais acaba de revelar o que tem dentro e tem dentro toda a realidade.**

”

(ARTAUD apud QUILICI, p. 197)

Desejando uma reconstrução do corpo em contraposição a ideia anatômica e funcional da cultura ocidental, buscando expandir as ideias, ou melhor, as possibilidades de realidades do corpo. Assim como Artaud evidenciava o interior do corpo como um abismo para o infinito, o corpo como um microcosmo, constelação que se desdobra.

O corpo como um invólucro de um espaço-infinito que carrega uma “imensidão inteira dentro de si” (QUILICI, p. 198) e se revela como um vazio-fonte expansível. Um fundo falso não mapeado, sedimentado ou catalogado. O corpo com galáxias não descobertas e habitadas por uma “multidão” de pensamentos, impulsos, sensações, desejos, excitações.

Nesse sentido, o **corpo é instável, decomposto e que carrega uma “multidão”**, não como organismo da figuração do “eu”. Portanto, não pode ser visto/entendido/experimentado somente pelo órgão da visão, mas por outras vias.

Podemos contrastar os intentos de Artaud com a visão antropocêntrica renascentista da cultura ocidental, que teve durante séculos – e talvez ainda o tenha – como referência o Homem Vitruviano, desenho de Leonardo Da Vinci do século XV. Obra utilizada para representar o **homem como algo divisível, simétrico, bidimensional, demarcado, catalogado. Para Artaud, em contraponto a isso, o corpo não seria esse corpo limitado a alguns centímetros quadrados**, representado pelos mapas anatômicos do corpo humano da Medicina Ocidental, sendo um encadeamento de ossos, articulações, músculos e órgãos com a única função de manter o funcionamento nervoso e orgânico ativo. Não é só matéria químico-física capaz de funcionar. **Ele pulsa para além de encher e esvaziar os pulmões e possui camadas internas não reveladas.**

Podemos afirmar o desejo de Antonin Artaud de “reconstruir o corpo” e reinventar o saber (ou saberes) ocidental do corpo, aspirando liberá-lo dos achatamentos de experiências e de formas sedimentadas e catalogadas. Para ele, a cultura ocidental afastou da experiência do corpo impulsos, sensações, pensamentos, excitações, etc, em troca de automatismos.

Para libertar este corpo seria necessário

“

**viver o corpo como uma realidade só  
parcialmente conhecida, ainda não estabilizada e  
mapeada**

”

(QUILICI, p. 200)

UM CORPO DESTERRITORIALIZADO, PERMITINDO-O DANÇAR ÀS  
AVESSAS.

Isso tudo serviu de mola propulsora para as aulas desenvolvidas no Cajuru: a busca pela desterritorializações e novos modos de estar, viver e olhar o mundo.

**[...] os estímulos que chegam até nós como um choque, rápidos, efêmeros, pontuais, fragmentados, “impedem a conexão significativa... impedem também a memória”**

**A vida como obra de arte... uma construção inengendrada, incriada... a Estética como Acontecimento é a intercessora primordial da vida: a vida como máquina de guerra... a vida demanda a ser reinventada.**

**Agente primordial, sem o qual a vida seria uma imensa repetição sem diferença; o homem é o artista de sua própria vida**

**(PEREIRA, 2015)**

Ele completa: “nós não vivemos, mantemos apenas a aparência de vida, pensamos em evitar a morte e toda a nossa vida é um culto à morte” (ESPINOSA apud DELEUZE, 2002, p.32). Então, procurar potência é procurar existência, e muito urgente nesses tempos de barbárie, não?

**DENTRO DISSO, OS EXERCÍCIOS QUE PENSAM OS SEGUINTE PONTOS**

**relação teatro - vida (não morte)**

**“potência de agir”**

**agenciamento com o outro**

**lidar com a angústia**

**troca de estímulos**

**resposta sensorial**

**ação conjunta e cooperativa**

**a criação de novas cartografias**

**saídas de si**

E o principal, que é algo a ser reconquistado e valorizado após início da pandemia:

**CONCENTRAÇÃO PERIFÉRICA**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

KASTRUP, Virginia. *A invenção de si e do mundo* – uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

KASTRUP, Virginia. Autopoiese e subjetividade: sobre o uso da noção de autopoiese por G. Deleuze e F. Guattari. In: KASTRUP, Virginia & TEDESCO, Silvia & PASSOS, Eduardo. *Políticas da cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MAGELA, André Luiz Lopes. Afecções, exercícios, protopedagogias teatrais. Rascunhos – caminhos da pesquisa em artes cênicas. v. 4, n. 2, p. 46-71. 2017b. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/38729>

PEREIRA, Juliano. **Implicações entre teatro e educação na criação do espetáculo teatral “fado”**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei, p. 194. 2017.